

Saúde do trabalhador e a ordem da indiferença

EDITORIAL*

Não é só o consumismo, o individualismo e o narcisismo dos *selfies* que dominam, atualmente, nossas vidas. Somos prisioneiros do fetiche. Feitiço e fictício são irmãos dessa palavra mágica: fetiche; fetichismo, que nos deixa a quase todos embevecidos e maravilhados, até que descobrimos que fomos ludibriados, capturados e, na maioria das vezes, transformados em consumistas solitários de nós mesmos. Esse fetichismo moderno, se não bastasse por si, de nos capturar para o consumo, exacerbar nossa individualidade e nos tornar narcísicos - adoradores de nós mesmos -, está criando uma nova ordem social: **a ordem da indiferença**. Já não nos indignamos, a maioria de nós, com a pequena injustiça cotidiana, com a miséria na porta da nossa casa, com a violência sutil do dia-a-dia, com o preconceito embutido no olhar, com a corrupção miúda que cometemos, porque a grande, essa já não assombra a muitos, com o assédio que mora ao lado, com o desrespeito ao outro na fila do supermercado, com o vai e vem de um mundo indelicado e deseducado. Nossa indignação, se há, dura apenas os segundos ou minutos da leitura do jornal, da notícia na TV ou da desgraça que viraliza na internet para cair no esquecimento em horas ou dias. A rigor, a sociedade de hoje está pouco se lixando para as relações sociais que têm como lógica a Lei de Gérson. Ao contrário, somos quase todos adeptos dessa Lei. Faça um exercício: ande algumas horas pelas ruas da cidade e observe como funciona **a ordem da indiferença**. Dirija seu carro e leve a primeira fechada, entre no banco ou no supermercado e observe a fila, olhe as calçadas da cidade, vá a uma farmácia, a um açougue, padaria,

Nesta edição

Editorial – ST e a ordem da indiferença	1
Entrevista – Heleno Corrêa Filho	2-4
Artigo do mês – Ana Paula Bragança	5
Perfil – Angela Maria Lourenço e Elcio dos Santos	6
Trabalhadores Anônimos – Zenilda & Evaldo	7
Informes	8

*“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de
hábito como coisa natural, pois em tempo de
desordem sangrenta, de confusão organizada, de
arbitrariedade consciente, de humanidade
desumanizada, nada deve parecer natural nada
deve ser impossível de mudar” Bertolt Brecht*

entre numa sala de aula qualquer onde têm crianças ou mesmo adultos e observe o que lá se passa. Olhe para qualquer lado e pense se não estamos vivendo um filme de ficção futurista desses que anunciam o caos, que nos tornam robôs - insensíveis e insensatos -. Feito esse exercício... olhe para o trabalho, qualquer trabalho. É lá que reside o maior exemplo da **ordem da indiferença**. No trabalho é onde essa nova ordem mata. É lá que os trabalhadores são assassinados, seja a curto, a médio ou a longo prazo. Pois, qual a diferença entre matar e deixar morrer? A opressão no trabalho, que sempre existiu, hoje está salvaguardada pela indiferença. Falar em saúde do trabalhador nesse contexto é quase uma blasfêmia. Manchete de ontem: “A crise não atinge o mercado de produtos de luxo, que continua crescendo...”. Acima, Bertolt Brecht nos conclama a um posicionamento de mudança, pois *nada deve parecer impossível de mudar*. Se o nosso caso é a luta pela saúde do trabalhador, então vamos mudar, isto é, desde que nós acreditemos que nada é impossível de mudar.



* Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

A fala da Saúde do Trabalhador



Heleno Corrêa Filho, médico e sanitarista, vem acompanhando a área de saúde do trabalhador (ST) desde seu início, ainda nos anos 1970. Participante privilegiado de todo o processo de implantação da ST no Brasil, Heleno tem muitas histórias p'ra contar e demonstrar o quanto sua contribuição foi importante para chegarmos até aqui. Hoje, como aposentado muito jovem, mantém seu vigor e inquietude com a questão mantendo seus vínculos com o ensino e a pesquisa, enriquecendo a área com seus ensinamentos. Vamos conhecê-lo melhor por suas próprias palavras...

Concluí o curso médico pela UnB (Universidade de Brasília) em 1974, e tive a forte influência do professor Frederico Simões Barbosa na formação em Saúde Pública. Minha residência médica na Santa Casa de SP me levou ao mestrado na FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), sob orientação da professora Maria Cecília Ferro Donângelo e, com sua morte trágica, aos 43 anos, passei a ser orientado pelo professor José da Silva Guedes. Foi ele quem me colocou em contato com a pesquisa de populações para o estabelecimento de área docente assistencial para o ensino médico. Ao longo do mestrado (1976-1983) tive contato com a proposta formadora do campo da Saúde do Trabalhador, com os colegas sanitaristas que fundaram o CEBES (Centro Brasileiro de Estudos de Saúde) e os primeiros Programas de Saúde do Trabalhador do ABC, da Zona Norte de SP e de Bauru. Naquela época um mestrado podia demorar sete anos. A primeira comissão de Saúde do Trabalhador do CEBES, no final dos anos 1970, era formada por sanitaristas como Maria Célia Guerra Medina, Liz Esther Rocha, David Capistrano Filho, Aparecida Linhares Pimenta e, entre outros, Herval Pina Ribeiro. Faltam nomes, mas minha madrinha de casamento 'Celinha' poderia reconstituir a trajetória do grupo e quantos derivaram para outras iniciativas como o Diesat (Departamento Intersindical de Estudos de Saúde e dos Ambientes do Trabalho). Foi daquele grupo que partiu a primeira equipe que integrou um programa municipal de Saúde do Trabalhador junto a uma secretaria de saúde do interior de SP, a de Bauru. Minha opção pela epidemiologia aplicada à Saúde do Trabalhador e decorreu de meu trabalho no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), do *Fellowship* na Johns

Hopkins University, do doutorado na FSP/USP (Faculdade de Saúde Pública/USP), com o Professor Diogo Pupo Nogueira, e da forte inserção da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) no primeiro Programa de Saúde do Trabalhador (PST) criado em Campinas, em 1990. O PST-Campinas contou com a participação decisiva dos professores Nelson Rodrigues dos Santos, Gastão Wagner de Sousa Campos e Ana Maria Canesqui. Esse apoio foi fundamental em virtude do conflito acadêmico com a linha política e pedagógica da Medicina do Trabalho e da Saúde Ocupacional que manifestavam aversão e por fim reprimiam o trabalho associado com sindicatos.

“Não existe saúde do trabalhador sem cogestão sindical.”

Apesar desse conflito a área de Saúde Ocupacional da Unicamp formou a maioria dos médicos residentes que se engajaram na constituição do primeiro PST-Campinas depois transformado em Cerest-Campinas. É da formação e associação com o Cerest-Campinas que posso situar 'o lugar de onde eu falo'. Vem daí a afirmativa de que não existe saúde do trabalhador sem cogestão sindical.

As determinações produtivistas do modelo adotado a partir dos anos 2000 pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), CNPq e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) determinaram grandes dificuldades para

o ensino de graduação, extensão de serviços e articulação dentro da universidade. O ensino e pesquisa em saúde do trabalhador entrou em descompasso com os critérios adotados pelos comitês da própria área de saúde coletiva. As instituições que detêm a primazia no modelo de desenvolvimento científico em saúde coletiva estão marcadas por forte especialização, divisão do trabalho acadêmico por áreas disciplinares e segmentação profissionalizada das linhas de pesquisa. São em sua maioria institutos de pesquisa e faculdades nos quais a formação de graduação segue o modelo curricular 'em linha' que a Unicamp abandonou na década de 1990. Caminhamos para a divisão de nossa pós-graduação em áreas de concentração, que eu prefiro chamar de áreas de fragmentação. Há novos doutores em saúde do trabalhador que nunca estudaram o SUS. Esse modelo de desenvolvimento, subespecializado, contraria a história dos Departamentos de Medicina Preventiva e Social ou de Saúde Coletiva, onde se desenvolveu a saúde do trabalhador. O modelo generalista derrotado tinha vínculos com a clínica ampliada, com várias formações de graduação e com a integração à rede pública de serviços de saúde. A energia gasta pelos pesquisadores em responder a cobranças acadêmicas de produção de publicações esgotou. Essa cobrança impede quem deveria estar disponível para avançar em campos comprometidos com o desenvolvimento de recursos humanos para a pesquisa em saúde coletiva. Em última instância, enfraqueceu também a vinculação da saúde do trabalhador com a Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva) e com a cogestão sindical. Esse conceito restrito de pós-graduação causou prejuízos à Residência Médica, que caiu no limbo por ser pós-graduação *lato sensu*. São poucas as residências médicas em saúde do trabalhador e, ainda por cima, encontram-se em vias de extinção. Os cursos de aprimoramento e pós-graduação *lato sensu* não são vistos com prioridade na matriz de produção acadêmica. Nossos ex-residentes e alunos de saúde pública e de aprimoramento dos anos 1980/90 estão nos governos estaduais e federal. Suas trajetórias foram marcadas por cursos de especialização em saúde pública e em saúde do trabalhador que deram títulos de especialista a alunos que cursavam até oitocentas horas de aula, com pelo menos um ano de duração, e realizavam monografias de conclusão. É uma lástima que eles não tenham recebido títulos de mestrado profissionalizante.

“Caminhamos para a divisão de nossa pós-graduação em áreas de concentração, que eu prefiro chamar de áreas de fragmentação. Há novos doutores em saúde do trabalhador que nunca estudaram o SUS.”

Boa parte de nossa produção acadêmica de ST foi voltada para sustentar e avaliar as ações comunitárias e sindicais a partir do SUS e da Previdência Social. Trilhar a saúde do trabalhador nesses anos todos me propiciou uma série de experiências... No ano 2000, o Banco Mundial fez em Washington a primeira grande investida contra a previdência pública brasileira forçando o governo e o Congresso Nacional a programar sua privatização. O gestor do programa junto ao BID, o Senhor Paulo Paiva, ex-ministro do Trabalho, organizou reunião para exemplificar o modelo ideal das mútuas chilenas como modelo a ser adotado no Brasil. Para essa reunião em Washington convidou o presidente da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que encaminhou democraticamente o convite para quem de direito - o Conselho Nacional de Saúde (CNS) - o que certamente não estava previsto. Daí, o CNS deliberou enviar-me como observador para a referida reunião. Lá chegando eu era evidentemente um estranho no ninho e ouvi o Sr. Paulo Paiva perguntando em inglês para a secretária: quem foi que convidou esse aí? Sua irritação aumentou quando expus como plataforma-modelo o SUS brasileiro. Na apresentação com transparências afirmei que o Seguro Acidentes do Trabalho e a Previdência Social no Brasil deveriam adotar o mesmo modelo de política pública submetida ao controle social, através de conselhos nacionais com representação democrática direta, participativa e ampla. No regresso ao Brasil escrevi relatório que enviei ao CNS. Enfatizei a previsão de que os organismos multilaterais iriam usar as relações comerciais com o Canadá como aríete para amolecer o Brasil na OMC (Organização Mundial do Comércio) e cobrar privatizações de educação, saúde e previdência. A chantagem internacional do Banco Mundial e do BID para que os países vendam e internacionalizem seus setores de serviços, como saúde, educação e seguridade social, com enfoque particular para a previdência pública, está em andamento e atinge diretamente o campo da ST.

Isso se dá pela venda e privatização compulsória de serviços e pelo abandono de doentes, lesionados e incapacitados. A pressão econômica e política nesse sentido é velha e se renova, continuando a mesma lenga-lenga e propiciando que a argumentação de 2000 continue viva e atual.

Outra consequência da participação em Washington-2000 foi a percepção de que a organização da Previdência Social no Brasil pode determinar em muito a construção do SUS. A Saúde do Trabalhador depende particularmente dessa associação, uma vez que o Ministério do Trabalho tem sido historicamente difícil de ser envolvido nas questões de saúde e meio ambiente. Por iniciativa da Cosat/MS (Coordenação Nacional de Saúde do Trabalhador/Ministério da Saúde) fui apresentado a técnicos da Previdência Social que elaboraram em 2003 a proposta do Nexo Técnico Epidemiológico (NTEP) e o Fator Acidentário Previdenciário (FAP). Minha esperança era que esse trabalho analítico levasse a discussão sobre ST para fóruns governamentais, sindicais, técnicos e populares, o que de certa maneira ainda está acontecendo.

Sobre os temas associados com a segurança do trabalho dos químicos e das populações vizinhas às fábricas foram elaboradas com minha orientação duas teses na Unicamp. Como resultado do contato com os químicos foi particularmente importante o aprendizado de que a Epidemiologia pode ser utilizada CONTRA o interesse de defesa da vida e da saúde dos trabalhadores. Foi possível então identificar que as grandes companhias poluem e expõem os trabalhadores e depois os combatem em suas demandas sindicais e ambientais contratando epidemiologistas. Nesse aprendizado e por essas razões sou coassinatário de carta internacional publicada no *Journal of Occupational and Environmental Health*.

Na formação em ST, pesquisadores, sindicalistas, e professores contribuíram para consolidar o campo, a partir de cooperações internacionais como a que a Secretaria de Saúde de SP desenvolveu com a CGIL (Confederação Geral do Trabalhadores da Itália), que a Fiocruz desenvolve com Portugal e outros países da Europa e que a Unicamp desenvolveu com a UMASS/Lowell e UMASS/Boston. Essa última foi consequência do envolvimento na Rede de Cooperação estabelecida nas “Conferências de Saúde Ocupacional e Ambiental Integrando as Américas”, realizadas no México (2000), Bahia (2002) e Costa Rica (2004). Essa rede permitiu convênio direto entre a UMASS e a Cosat/MS em

outro convênio bilateral e direto. Por esse convênio, a Cosat/MS abriu junto com a OPAS (Organização Panamericana de Saúde), em Brasília o *Observatório Brasileiro de Saúde do Trabalhador*, que foi retirado da Internet em 2004. Essa página serviu como repositório de experiências e troca de informação qualificada entre os pesquisadores e os membros da Renast.

“...foi particularmente importante o aprendizado de que a Epidemiologia pode ser utilizada CONTRA o interesse de defesa da vida e da saúde dos trabalhadores. Foi possível então identificar que as grandes companhias poluem e expõem os trabalhadores e depois os combatem em suas demandas sindicais e ambientais contratando epidemiologistas.”

A ideia de criação de um Observatório das Américas e de uma Escola Continental de Saúde do Trabalhador e Meio Ambiente são projetos que mobilizaram a atenção das Centrais Sindicais brasileiras e a cooperação internacional brasileira nesse setor.

A experiência mais impressionante de pesquisador e professor com participação direta nas políticas sociais foi a de ser relator da 12ª Conferência Nacional de Saúde e da 3ª e 4ª Conferências Nacionais de Saúde do Trabalhador (CNST). Em todas assisti e relatei o trabalho de votações em sessões que chegaram a ter seis mil votantes, sendo que nas CNST foram votadas as diretrizes nacionais para a Saúde do Trabalhador e Meio Ambiente. Ser relator e manter princípios democráticos respeitando as deliberações coletivas é uma experiência que só os pesquisadores brasileiros dessa área podem acumular. ■ ■ ■

Para conhecer a experiência do Observatório Brasileiro de Saúde do Trabalhador, citada por Heleno Corrêa Filho, acesse o link

<http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572013000100015>

[entrevista concedida on-line à coordenação - maio 2016]

Fórum Intersindical – uma Comunidade Ampliada de Pares

Ana Paula Bragança

artigo do mês

As questões relacionadas ao campo da saúde do trabalhador vêm sofrendo mudanças drásticas ao longo do tempo. Os processos de trabalho cada vez mais retiram do trabalhador a sua autonomia e a exploração excessiva do seu corpo leva ao adoecimento e à morte.

Diante das complexidades e incertezas do mundo do trabalho na contemporaneidade, a ciência tradicional, de foco exclusivamente científico, não alcança todas as respostas aos novos problemas relacionados aos riscos provocados aos trabalhadores e, também, ao meio ambiente.

Em contraposição à concepção tradicional, de foco exclusivamente científico no modo de fazer ciência, há uma linha moderna de pesquisa - a “ciência pós-normal” -, que busca a gestão de problemas a partir de múltiplas visões e da participação social. Pauta-se no reconhecimento de incertezas, da complexidade e considera que todo tipo de saber, inclusive o saber operário (o saber do trabalhador em geral), pode ajudar na construção do pensamento científico. Embora a ciência pós-normal não exclua a forma tradicional de se fazer ciência, ela propõe a construção coletiva de saberes.

Como forma de prática da ciência pós-normal tem-se o método conhecido como “Comunidade Ampliada de Pares” que prima pela democratização dos saberes e dá voz a todas as partes envolvidas sobre determinados problemas, por meio de um diálogo crítico, aberto e sem que as considerações sejam levantadas de modo unilateral.

Dessa forma, as pessoas envolvidas, que dependem da solução de problemas que muitas vezes ameaçam suas vidas e seus sustentos, são partes fundamentais para a discussão e para a busca da resolução dos mesmos, pois são elas que têm consciência de como os problemas as afetam. Além disso, e talvez isso seja o principal, as pessoas afetadas pelos problemas possuem experiências e informações que os pesquisadores da academia (os cientistas das universidades) não detêm.

“...as pessoas afetadas pelos problemas possuem experiências e informações que os pesquisadores da academia (os cientistas das universidades) não detêm.”

A partir desta democratização de saberes construída em uma Comunidade Ampliada de Pares alcança-se uma forma de fazer pesquisa de maneira mais enriquecedora e inclusiva possibilitando soluções límpidas e mais eficazes.

Uma das formas de se exemplificar a dinâmica da Comunidade Ampliada de Pares é o Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito para a Ação em Saúde do Trabalhador que tem como atores os trabalhadores, os serviços de atenção à saúde do trabalhador (os Cerest) e a academia (os pesquisadores). É um olhar mais ampliado de diálogo constante entre todos, com o objetivo de tornar mínimas as incertezas e complexidades existentes no mundo do trabalho, buscando novos caminhos.

A cada dia surgem novas notícias de quão complexo o mundo do trabalho vem se tornando: precarização; flexibilização; perda de direitos; trabalho escravo etc. Em recente entrevista ao jornal O Globo (domingo, 22/05/2016, pag. 33), o diretor da Confederação Nacional da Indústria, Alexandre Furlan, disse: “*Simplemente proteger o trabalhador, esquecendo a sustentabilidade das empresas, a competitividade e a produtividade no ambiente de trabalho, você não conseguirá avançar para uma relação de trabalho mais moderna...*”. É uma fala sórdida que retrata o pensamento do capitalismo voraz e encontra coro nos governos que defendem a flexibilização da Consolidação das Leis do Trabalho como saída para a crise política e econômica que assola o país. A fala de Furlan nos mostra o quanto nós trabalhadores deveremos nos organizar para resistir e manter nossos direitos garantidos, criando novas estratégias e unindo forças para nos contrapormos a essa avalanche de perdas de direitos adquiridos. E o Fórum Intersindical, nossa comunidade ampliada de pares, constitui uma das formas de resistência! ■ ■ ■

Ana Paula Bragança é assistente social e mestranda da ENSP/Fiocruz. Seu trabalho de mestrado trata do Fórum Intersindical enquanto uma comunidade ampliada de pares.

Sindicato dos Rodoviários – Sintraturb-Rio – conduzindo passageiros e esperanças de mais saúde –

ÂNGELA MARIA LOURENÇO e ELCIO DOS ANJOS

PERFIL

Ângela e Elcio têm muito em comum. Ambos são motoristas, responsáveis por nos conduzir pelas ruas tristemente violentas do Rio de Janeiro. São testemunhas do descaso com a cidadania no transporte urbano; do abandono que o poder público nos impõe na estrutura viária; da desumanidade com os trabalhadores que transportam e com os que são transportados; da subserviência dos políticos aos donos das empresas; da tristeza de constatar que o transporte público é um meio de transporte do dinheiro público para a acumulação privada; e vai por aí.

Os grandes problemas do transporte urbano, a que toda a população está submetida, são vividos de forma ainda mais intensa pelos trabalhadores motoristas de ônibus. São o(a)s motoristas que estão no olho do furacão. Trabalham sob estresse permanente, submetidos à falta de cortesia, educação e civilidade da grande maioria dos condutores de veículos na nossa cidade. Uma simples manobra equivocada no trânsito é capaz de gerar um ódio mortal em algumas pessoas desequilibradas, a ponto de levarem situações banais à ocorrência de crimes de morte.

Ângela e Elcio são protagonistas de condições de trabalho a que muitos poucos trabalhadores estão submetidos. Muitas vezes obrigados a sair com veículos em péssimas condições de manutenção vão para as ruas sem saber o que lhes esperam e, porque não dizer, sem saber mesmo se voltam para casa. São assaltos em que têm que repor o dinheiro roubado para os patrões e atualmente, com a dupla atribuição de muitas linhas de ônibus, em que o motorista tem que cobrar e dirigir, a função passou a ser de verdadeiro malabarista, com um olho na missa e um olho no padre. E aí do motorista se o troco vier errado. Para ir ao banheiro ou beber água é outro malabarismo. Chamar esse trabalho de utilidade pública de desumano não é um exagero. E é triste pensar que a classe política é “pau mandado” dos empresários de ônibus que, por isso, fazem o que querem e ditam as regras do jogo sujo do transporte sob concessão do Estado.

Ângela trabalha há 20 anos como motorista e é dirigente sindical há 4 anos, ocupando a Secretaria da Mulher. Elcio é motorista há 8 anos e há 4 anos representa o sindicato, cuja maioria de trabalhadores é do sexo masculino.

Muitas vezes obrigados a sair com veículos em péssimas condições de manutenção vão para as ruas sem saber o que lhes esperam e, porque não dizer, sem saber mesmo se voltam para casa.



Segundo os dois dirigentes, os principais problemas da categoria são: estresse, pelos motivos óbvios que conhecemos, distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), especialmente doenças da coluna, e, ainda, hemorróidas. Nós sabemos que, além disso, o estresse no trabalho causa as chamadas doenças psicossomáticas, aquelas em que a alma e a cabeça dos trabalhadores quando sofrem se voltam contra o seu próprio corpo. São exemplos dessas doenças, a hipertensão, problemas cardíacos, alergias (como a asma) e a úlcera. Isso sem contar os distúrbios de relação humana que levam a um ‘nervosismo’ e a uma tensão permanente com os colegas e, muitas vezes, com a própria família. Também o assédio moral é muito comum na categoria dos motoristas.

Ângela e Elcio são frequentadores assíduos do Fórum Intersindical e, também, do Curso Intersindical de Formação. São sindicalistas entusiastas dessas iniciativas e consideram que os debates têm auxiliado muito na compreensão dos problemas de saúde do trabalhador de sua categoria. ■ ■ ■

Venha Para o Fórum Intersindical – Juntos fazemos a diferença da Saúde do Trabalhador

Para ter acesso aos outros Boletins do Fórum Intersindical de Formação visite o site www.multiplicadoresdevisat.com
Se desejar maiores informações sobre o Fórum e sobre o Curso de Formação Intersindical entre em contato pelo email: cursointersindical@gmail.com

Trabalhadores Anônimos

Dando Visibilidade às Identidades Sociais

Salgadinhos, docinhos e café quentinho p'ra começar bem o dia

Em Brasília as distâncias entre os prédios é muito grande. O hábito de ir na lanchonete da esquina tomar café antes de começar a trabalhar é quase impossível por lá. Observando isso e de olho na possibilidade de tirar seu sustento, Maria Zenilda Gomes do Nascimento, 43 anos, há seis anos, com a ajuda da família, vende lanches na Escola de Governo do Distrito Federal. Produz tudo em casa: café, chocolate quente, sucos naturais, salgados, pão de queijo, bolos, biscoitos etc. E ainda atende encomendas dos clientes. Antes foi babá, cozinheira e artesã, produzindo velas decorativas. “A patroa era dona de fábricas de velas. Vendia na feira de artesanato que ocorre uma vez por mês em Brasília.” Acorda às três horas da manhã e inicia seu dia assando os salgados, preparando tapioca e organizando o material necessário para os alimentos que irá vender. O marido, Antônio, ferve o leite e organiza o armazenamento dos produtos com o apoio da filha Alana, de 19



anos (no 3º ano do ensino médio). A enteada Camila ajuda nos sucos. Saem de casa às 05:30 em carro próprio, montam o posto de vendas na varanda onde dispõem seus produtos em mesinhas. Zenilda gosta de conversar e diz que muitas pessoas são solitárias e, por não terem com quem falar, desabafam com ela. Relata ter feito grandes amizades e esses tornam-se clientes fiéis. Um cliente, que se tornou amigo, arrumou a primeira cadeira para ela sentar e um local para guardar seu material. Hoje, Joselito é amigo da família. Alegre, Zenilda diz que recebe ajuda de todos, principalmente dos guardas. Contudo, ela conta que o trabalho prejudica sua saúde porque dorme muito pouco. Deita às 23h e acorda às 03h. Tem hipertensão, dores de cabeça e labirintite. Seu sonho é formalizar seu trabalho e montar um trailer no pátio da Escola. Além de aumentar seu tempo de venda, poderia assar os produtos na hora, guardar mobiliário e equipamentos, armazenar insumos e não precisaria acordar tão cedo... Para concretizar seu sonho o caminho é longo, mas não impossível. Acreditando nisso, já montou uma empresa pelo Sebrae. Já levou calotes mas não desanima e nem perde a fé ou a solidariedade. Todos os dias fornece um lanche gratuito ao trabalhador que varre a rua. Conta que antes ficava numa tenda, mas um temporal quebrou tudo e pensou em desistir. Ficou uma semana sem trabalhar. Com estímulo do marido, comprou tudo novamente. Fizeram um empréstimo, compraram um carro e a direção da Escola deixou-a trabalhar na varanda. O que ganha dá para o sustento e a prestação do carro, mas luta para conseguir comprar o trailer. Zenilda traz em si a arte de cozinhar, a busca pelo sonho e a garra de persistir. E tem um sorriso lindo! ■ ■ ■

Abrindo todas as portas e desvendando segredos



Há 32 anos, Evaldo de Souza Castro, é chaveiro. O ofício de chaveiro é típico do artesão que a tecnologia moderna ainda não conseguiu derrubar. Socorrista das horas de desespero em que alguém fica trancado do lado de dentro ou do lado de fora, são muitas as situações que Evaldo encontra em seu trabalho. Com 63 anos, desde menino ele domina o ofício que aprendeu com seu irmão. Dedicado exclusivamente à sua barraquinha típica, Evaldo mantém o plantão de 24 horas para os momentos de emergência. Autônomo, com 63 anos, atualmente está tentando regularizar sua situação para se aposentar. São várias as ferramentas e máquinas para exercer o ofício de chaveiro. Dono de uma freguesia cativa, Evaldo é uma espécie de psicanalista das chaves. Já conhece os que vivem perdendo suas chaves, os que colecionam cópias e os que acham que perderam e não perdem tempo em procurar direito antes de fazer outra. Segundo ele, seu trabalho é seguro, pois nunca se acidentou com os instrumentos. O fato de ter domínio total sobre a atividade, sem um patrão que lhe pressione deve ser a razão principal da segurança. Considera que tem ótima saúde e a autonomia é garantia de sua satisfação com o trabalho. ■ ■ ■

INFORMES

A próxima reunião do Fórum Intersindical de Formação em Saúde - Trabalho - Direito (FIS) será no dia **29/07/2016**, de 09 às 13:00h no DIHS/ENSP - Prédio da Expansão da FIOCRUZ, localizado na Av. Brasil, nº 4036, sala 905, Mangueiras - Rio de Janeiro (direção Zona Norte). O Fórum é uma iniciativa conjunta de várias instituições acadêmicas, sindicatos de trabalhadores e dos Cerest (Centros de Referência em Saúde do Trabalhador), aberto à participação de todos os interessados nas temáticas abordadas e na luta pela saúde do trabalhador.

Nesta próxima reunião teremos a oficina temática “Território, Ambiente e Saúde do Trabalhador”, conduzida pelo Professor Eguimar Chaveiro, da Universidade Federal de Goiás.

Agradecimento ao Sindicato dos Comerciantes

O 1º Curso Básico de Vigilância em Saúde do Trabalhador, vinculado ao Fórum Intersindical e organizado pelos Cerest do Rio de Janeiro (Estadual, Municipal e Duque de Caxias) está sendo realizado na sede do Sindicato do Comércio, no centro da cidade. Com uma infraestrutura excelente e um carinho todo especial de seus dirigentes, o curso conta com a participação de vários sindicatos e de técnicos dos Cerest.



2º Curso Básico de Vigilância em Saúde do Trabalhador Já está agendado para novembro o próximo curso.

Maiores informações no email:
cursointersindical@gmail.com

Curso de Formação Intersindical em Saúde-Trabalho-Direito/RJ O III Curso Intersindical está em andamento! Maiores informações no email: cursointersindical@gmail.com



Venha Para o Fórum Intersindical Juntos fazemos a diferença da Saúde do Trabalhador

Coordenação:
Ana Paula Bragança (mestranda ENSP/FIOCRUZ)
Jacqueline Wilhem Caldas (mestranda ENSP/FIOCRUZ)
Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)
Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Fórum Intersindical participa de Audiência Pública na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

No dia 22 de julho de 2016 foi realizada na Alerj uma audiência pública, convocada pelo Deputado Carlos Minc (sem partido) e apoiada pelo coordenador da Saúde do Trabalhador do Município do Rio de Janeiro, Cyro Haddad e sua equipe. Contou com a participação de vários Cerest (estadual e regionais), sindicatos, Ministério Público, Fiocruz, convidados e diversos membros do Fórum Intersindical que participaram ativamente dos debates. A audiência tratou basicamente de traçar estratégias de ação para o cumprimento das leis que sobre a Saúde do Trabalhador no estado. Além disso foram propostas novas legislações de defesa da saúde dos trabalhadores e o aprimoramento das já existentes. O Fórum Intersindical se comprometeu a abrir uma discussão sobre essas leis e incrementar ações para o seu cumprimento, especialmente por meio de ações de vigilância do SUS. Saiba mais no site: <http://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/38963>

Roteiro para funcionamento dos Grupos de Trabalho (GT)
Os GT do Fórum são organizados sob a forma de câmaras técnicas para a discussão entre os seus participantes, nas vertentes de ensino, pesquisa e ação de vigilância. Os GT para funcionarem deverão ter como membros participantes representantes dos 3 segmentos: academia, serviço e sindicato. Cada GT terá, no período de instalação um facilitador, vinculado à Fiocruz, de modo a garantir sua logística inicial. À medida que o GT se consolidar será designado, por decisão de seus membros componentes, um coordenador e um suplente. As reuniões de cada GT serão agendadas de comum acordo entre seus membros. Espera-se entre as ações de cada um dos GT, com ênfase no seu eixo temático, propor e participar da execução de: debates, seminários, oficinas, reuniões técnicas, cursos de capacitação, laudos, pareceres, solicitação de audiências públicas e de inquéritos civis, pesquisas de saúde do trabalhador nas categorias interessadas e, entre outras, ações de vigilância em ST. As decisões e atividades propostas pelo GT serão levadas como informe para cada reunião ordinária do Fórum. São quatro GT: 1 – LER/DORT (Renato Bonfatti); 2 – Mulher e Trabalho (Marcia e Luciene); 3 – Saúde Mental e Assédio Moral (Jacqueline); 4 – Acordo e Convenção Coletiva (Daniele e Fadel).

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito para a Ação em Saúde do Trabalhador comemorará 1 ano de existência!

A próxima reunião do Fórum, comemorativa, será realizada no SINTSAMA, no dia 26 de agosto de 2016.

Não perca!

Maiores informações no email
forumintersindical@gmail.com

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito para a Ação em Saúde do Trabalhador
Av. Brasil, 4036 sala 905, Mangueiras - CEP: 21.040-361
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223
forumintersindical@gmail.com